

5

AMARAIS NAS CADEIRAS DO OUVIDOR (*)

Numa revivescência de velhos hábitos, objetos tri-centenários nos trazem recordações caras com valiosas minúcias que nos falam, mas que - falam multiplicando detalhes, enriquecendo a história e valorizando a recordação. Então, quem os conserva deve-lhes o registro literal que - perpetue descritivamente a memória que representam.

Herdados de uma cadeia de antepassado, chegam a exigir a perpetuidade de um histórico, como esforço de sobrevivência em bibliotecas, e com a nobre função de servir aos que buscam o pretérito de nossa gente, dos lares antigos, dos hábitos que marcaram época passada da vida familiar, no centro urbano ou no formoso viver campestre.

Trezentos anos distantes, duas mobílias exigem uma recordação de interesse histórico mas, especialmente para o autor, de caráter afetivo, ao sentir, no madeiro encourado, zelo e carinho de avoengos, guardiães da tradição familiar e conservadores de memórias caras dos que transmitiram a vida que se repete com o multiplicar de gerações.

São memórias da meninice quando um avô, em torno de uma mesa de jantar, repetia, para netos ávidos de conhecimentos, fatos familiares - de antanho, grandiosos para o pequeno ambiente que se constituía de um pequeno núcleo familiar da cidade, mas que entre seus membros se tornava maior por ter história, ter tradição, ter amor ao lar com a sua variada, sua multiforme composição.

Mas quem quer historiar não se pode omitir na transformação do que é somente tradição em história documentada, impondo, assim, a verdade - como fundamento de seu relato. Para isto tivemos em mãos os inventários de bens deixados por Bento do Amaral da Silva, o ouvidor interino de São Paulo, e o de sua mulher Escolástica de Godói, ambos no Arquivo Público do Estado, e outros de descendentes deste casal, em tabelionatos de Itu e Capivari, graças à boa vontade do diretor e funcionários do Arquivo - de tabeliães procurados e de outras autoridades amigas que nos honraram com sua atenção.

A FAZENDA DO EMBOAÇAVA

De terras produtivas, teve esta fazenda um anterior proprietário, Afonso Sardinha, personalidade de grande evidência na vida da Capitania, e de quem vários historiadores trataram.

"Foi Afonso Sardinha o primeiro que teve em São Paulo trapiches de açúcar, de que pagava grandes direitos ao Rei, na sua fazenda de cultura no sítio de Ubatatá junto do rio Jurubatuba (que agora se diz Rio

(*) Publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol 78, 1982.

sos Pinheiros) em 1607, e nesse tempo teve de sesmaria mais terras e matos correndo o rio abaixo, desde o lugar da aldeia dos Pinheiros". "Das minas de Santa Fé e Jaraguá extraiu tanto ouro que, quando faleceu, declarou no seu testamento possuir 80 mil cruzados em ouro em pó (1) diz Azevedo Marques.

"Aos 30 de setembro de 1592, Afonso Sardinha é eleito pelôs "Homens Bons" e oficiais da Câmara de São Paulo, capitão da segunda guerra contra os selvagens do sertão" (2) como assegura Aureliano Leite (3).

E Roger Bastide, tratando da escravatura negra, escreveu: "Só podemos ter certeza quanto ao aparecimento do primeiro africano em São Paulo a partir de Afonso Sardinha, o qual tinha um navio fazendo o roteiro de Angola. E esse aparecimento liga-se à primeira tentativa de mineração em São Paulo (minas do Jaraguá) e não à cultura da terra, como no Nordeste (4).

Valemo-nos agora de Afonso d'Escragnole Taunay: "Grande comerciante e capitalista, grande proprietário e lavrador, mineirava ouro no Jaraguá, fabricava e exportava marmelada, a ponto de poder fornecer, de uma remessa, cem caixotes, e negociava grandes partidas de farinha, sal e açúcar". Era nos "Pinheiros onde "assistia" o creso da época Afonso Sardinha (5). Em seu testamento narra Afonso Sardinha que à África portuguesa mandara o sobrinho Gregório Francisco buscar escravos "peças do gentio de Guiné" (6).

Sua casa rural era a atual "Casa do Bandeirante" que antes da retificação do rio Pinheiros estava junto à sua margem direita em construção de taipa; possuía outra nesta fazenda, de pau-a-pique, certamente fora de terras alcançadas pelas enchentes, e que figura no inventário de Escolástica de Godói. Da Cidade a esta fazenda, era fluvial o transporte, com embarque no sopé da ladeira do Carmo, segundo Adolfo Augusto Pinto, no embarcadouro do Tamanduatéi "então o PORTO GERAL da povoação; navegando-se rio abaixo até a confluência com o Tietê, no qual "rio acima, alcançava-se a Conceição dos Guarulhos, São Miguel e Itaquaquecetuba. Navegando o rio para baixo, tocava-se primeiro no sítio de Nossa Senhora da Esperança, com aldeamento fundado por Manuel Preto, e que veio

-
1. Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, "Apontamentos" "da Província de São Paulo" I 3.
 2. Belmonte em "No Tempo dos Bandeirantes" 27, diz ter havido nesta fazenda, no século dezessete, pequeno forte de "taipa e tranqueiras", "no Emboaçava, para os lados de Pinheiros, na confluência dos rios Grande e Jeribatiba e foi erguido para evitar novos ataques de índios à vila".
 3. Aureliano Leite, "A História de São Paulo" 20.
 4. Roger Bastide, "O Negro em São Paulo", em "São Paulo em Quatro Séculos" II 23.
 5. Afonso d'Escragnole Taunay, "São Paulo nos Primeiros Anos" 159 e 182.
 6. Afonso d'Escragnole Taunay, "São Paulo no Século XVI" 186.

a ser depois a capela e ^provação de Nossa Senhora da Espectação do Ó; deixava-se pouco abaixo, à esquerda, o sítio de Emboaçava, de Afonso - Sardinha" (7).

Esta navegação pelo Tietê alterava-se na embocadura do rio Pinheiros, pelo qual se subia até encontrar a atual "Casa do Bandeirante", então junto à margem direita deste último rio, em promontório como ainda hoje se vê. É esta mesma fazenda que vamos encontrar na segunda metade do século dezessete, como propriedade do ouvidor interino Bento do Amaral da Silva, também proprietário no Jaraguá, o que induz à conclusão de ter este ouvidor adquirido uma parte, com dois imóveis, do antigo patrimônio de Afonso Sardinha.

É fácil identificar e localizar a fazenda de Afonso Sardinha - que possuiu Bento do Amaral "entre os rios Tietê e Pinheiros", que não são paralelos mas convergentes, o que a coloca, seguramente, na confluência destes rios. Além das localizações acima transcritas, o inventário dos bens deixados pela viúva de Bento do Amaral da Silva, Escolástica de Godói (8) registra a arrematação de parte de suas terras feita pelo credor do espólio e herdeiro, José do Amaral Gurgel, "em seu campo com seus valos e com os valos do sítio", "no bairro do Emboaçava - por onde passa a estrada de Parnaíba".

Completamos a descrição da fazenda: "um galho desta via, hoje a acompanhar terrenos do Hospital do Isolamento e o cemitério do Araçá, servia de separação das terras do Pacaembu e do Medihy, propriedade - dos Jesuítas, das da Emboaçava, pertencentes ao velho Afonso Sardinha" (9), que ao nascente tinha por divisas uma linha acompanhando, mais ou menos, as atuais ruas Dr. Arnaldo-Afonso Bovero; ao norte, o rio Tietê e ao poente o rio Pinheiros, tendo ao sul a estrada de Parnaíba.

Era Bento do Amaral da Silva filho de José Nunes da Silva (que - Pedro Taques disse erradamente José Nunes do Amaral) e de Mécia de Arão Gurgel, neto materno de Toussaint Gurgel e de Domingas do Arão do Amaral. Faleceu Bento a 21 de junho de 1719 (10) e foi "tronco da numerosa família Amaral Gurgel", ramo de São Paulo. "Depois de haver, em São Paulo, exercido importantes cargos, tais como os de juiz, ouvidor e - corregedor, retirou-se à vida privada, estabelecendo-se em sua fazenda Emboaçava, nas margens dos rios Tietê e Pinheiros" (11).

7. Adolfo Augusto Pinto, "História da Viação Pública de São Paulo", 13

8. Arquivo Público do Estado.

9. Afonso d'Escragnole Taunay, ob. cit. 214

10. Arquivo Público do Estado, inventário I 677

11. Jacinto Ribeiro, "Cronologia Paulista" I 677.